

Sarney dá o mote. E Collor comemora.

Foi uma festa que varou a madrugada. Collor comemorava o que chamou de "repique da campanha".

Na ampla casa de Brasília do deputado Renan Calheiros, líder do PRN, Collor de Mello comemorava ontem com um restrito grupo de convidados seu confronto pessoal com o presidente Sarney. "Vai ser o repique da campanha", previa o candidato, plenamente convencido de que a candidatura Silvio Santos será impugnada pelo TSE. A festa prosseguiu regada a uísque até as 3 horas da madrugada, quando os convivas, depois de muitas análises, concluíram que o "fato novo" criado às vésperas do primeiro turno só poderia beneficiar Collor.

Recordou-se ali as várias fases dos confrontos entre Collor e Sarney, mas a discussão principal girou em torno do argumento que o jurista Célio Silva vai apresentar oralmente ao TSE para impugnar a candidatura do PMB. A base da peça jurídica é uma jurisprudência do próprio tri-

bunal datada de 5 de outubro, que derrotou por unanimidade o mandado de segurança impetrado por Bóris Nicolaevski, então candidato à sucessão pelo PS, que não havia cumprido as exigências legais para obter o registro definitivo — e o provisório vencera em 19 de julho.

"É uma situação absolutamente idêntica à de Silvio Santos e seu PMB", ponderou Silva. A Collor, portanto, restava apenas preparar a tréplica a Sarney dentro do horário gratuito — e a satisfação do candidato de ter o presidente como principal alvo. Collor esperou com paciência até que isso acontecesse — mais precisamente, desde a época em que era deputado pelo PDS e o então senador Sarney, era presidente nacional do partido. Ambos começaram uma briga ainda no governo Figueiredo, quando se votava uma lei no Congresso que propunha reajustes dife-

renciados de acordo com a faixa salarial. Collor votou contra a orientação do partido e Sarney cobrou dele a fidelidade partidária, argumentando com uma dívida política com seu já falecido pai, senador Arnon de Mello.

Mais tarde, Sarney já na presidência, sem o voto de Collor, que optou por Maluf no Colégio Eleitoral, o PMDB de Alagoas o apresentou ao candidato ao governo do Estado — o próprio Collor. Sarney não teria lhe dirigido a palavra. A briga se intensificou com a implantação do Cruzado II, que Collor criticou — e Sarney acabou boicotando Alagoas. Collor então o acusou de "perseguição econômica" e começou a cultivar sua aversão a Sarney. E sabe muito bem como escolher as acusações. "O que mais o aborrece não é dizer que existem corruptos em seu governo, mas chamá-lo de político de segunda classe", ensina Collor.